

NOS 21 ANOS DA REVISTA *POLITEIA: HISTÓRIA E SOCIEDADE*, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Em 2022, ano de referência do presente volume, a revista *Politeia: História e Sociedade* completou 21 anos de existência. Quando da publicação do seu primeiro número, em 2001, *Politeia* foi apresentada como um periódico técnico-científico vinculado ao Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste de Bahia (Uesb) e seu projeto editorial esteve pautado pela perspectiva de promover trocas de conhecimentos produzidos nas universidades e em outros centros de pesquisa. A História se apresentava como área prioritária, mas a revista encontrava-se aberta, também, à publicação de trabalhos acadêmicos advindos de outros campos de saber voltados ao estudo das sociedades.

O texto original de apresentação da *Politeia*, disposto no portal da revista, põe o foco sobre o homem, definido com um “*ζῷον πολιτικόν*, um ser que ambiciona e que reclama viver junto a outros homens, viver em comunidade, única forma de existência que lhe permite alcançar e exercer, em sua plenitude, as habilidades e talentos que lhe conferem singularidade entre os seres vivos!”. A expressão politeia, escolhida há 21 anos para dar nome à publicação, traduzia, à época, as soluções encontradas pelos seres humanos para equacionar as demandas e litígios decorrentes da vivência social.

Em pouco mais de duas décadas, inicialmente com periodicidade anual e na forma dupla do impresso e do digital, *Politeia* publicou, aproximadamente, 400 trabalhos, sob as formas de ensaios, artigos, resenhas e entrevistas. Entre os seus contribuidores podem ser elencados docentes e pesquisadores da França, da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Itália, da Argentina, da Espanha e de Portugal, além de docentes, pesquisadores e estudantes de pós-graduação de dezenas de Instituições de Ensino Superior de todas as regiões do Brasil.

Ao longo de 21 anos, não foram poucas as dificuldades enfrentadas para a manutenção do projeto *Politeia*, decorrentes, principalmente, de mudanças no modelo de gestão da instituição mantenedora, mudanças que impactaram sobre as formas de financiamento e sobre o apoio técnico à produção do periódico e que comprometeram a regularidade da publicação, a despeito dos esforços empreendidos pelo seu corpo editorial.

No presente, afinada com os critérios de avaliação e as exigências dos indexadores, as instâncias responsáveis pelo projeto têm se empenhado na realização de alterações que visam atender à perspectiva de requalificação da revista. Entre essas transformações, ocorridas nos últimos cinco

anos, destacam-se: a aprovação de um novo regimento, com a redefinição da estrutura do corpo editorial; a adoção de padrões mais rígidos para a captação de trabalhos, com prioridade para os trabalhos de pesquisadores vinculados a programas de pós-graduação, consideradas as exceções a pesquisadores de notório saber; a renovação do corpo editorial, mediante a agregação de novos nomes ao Conselho Editorial e ao Conselho Acadêmico-Científico; a vinculação ao Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória), com a consequente transformação no perfil da revista, que passa a abrigar, prioritariamente, mas não exclusivamente, trabalhos acadêmicos associados a programas de aperfeiçoamento de profissionais de ensino de História.

Sobre esse novo perfil está calcado o dossiê temático que identifica o primeiro número do volume 21 de *Politeia*. Organizado pelas professoras Marlene Cainelli, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e Maria Cristina Pina, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), o dossiê tem por título “Ensino e Aprendizagem da História: desafios teóricos e metodológicos”. Nele encontram-se abrigados, além da apresentação, assinada pelas organizadoras, seis artigos de autoria de pesquisadoras vinculadas a diferentes Instituições de Ensino Superior e com experiência de ensino na Educação Básica.

O primeiro desses trabalhos, assinado por Marlene Cainelli, docente da UEL, e Sueli de Fátima Dias, professora da Educação Básica com doutorado em Educação pela UEL, tem por título “Compassos entre o ensino de História e a formação de professores: trajetórias em construção”. O texto apresenta o resultado de estudos sobre as concepções teórico-metodológicas que orientaram a formação de professores de história e o estabelecimento da disciplina História nos currículos escolares, no Brasil, desde o século XIX até os nossos dias.

Na sequência, aparece o texto “Planejamento didático em História: uma proposta de Plano de Aula”, de Carolina Carvalho Ramos de Lima, professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) apresentam. Em diálogo com os professores da História da Educação Básica, as autoras apresentam a proposta de um modelo de planejamento didático construído em consonância com os pressupostos da Pedagogia Construtivista, da Educação Histórica e dos Letramentos Digitais.

O terceiro artigo do dossiê, de autoria de Adriana Silva Teles Boudoux e Célia Santana Silva, tem por título “Da sala de aula à sala de casa, um outro tempo, ou a ponta de um mistério: o estado da arte sobre o ensino-aprendizagem de História na pandemia”. As autoras, ambas professoras da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), analisam relatos de experiência sobre o ensino de História ofertado de forma remota no contexto da pandemia da Covid 19 com o objetivo de identificar e discutir temas, questões e desafios que mobilizaram os docentes, assim como as soluções por eles encontradas, entre 2020 e 2022.

Em seguida, vem o texto “Juventude e Ensino de História: desafios metodológicos”, de Edinalva Padre Aguiar, Maria Alessandra dos Santos Aquino e Maria Cristina Dantas Pina. As pesquisadoras, todas vinculadas ao Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (LAPEH-Uesb), se propõem a refletir sobre o conceito

de juventudes e, com base em dados coletados durante a realização de suas pesquisas, pensar a relação dos jovens com o conhecimento histórico, seja no ambiente escolar, seja na prática cotidiana.

De autoria de Giovana Maria Carvalho Martins, professora da Rede Pública de Ensino do Município de Londrina e doutoranda em Educação na UEL, o artigo seguinte tem por título “Reflexões sobre o ensino e aprendizagem da História Difícil em tempos de Novo Humanismo”. Com base nas elaborações teóricas de Jörn Rüsen e Bodo von Borries, a autora almeja fazer reflexões sobre a aprendizagem da História Difícil do Holocausto em aulas de História na Educação Básica e, complementarmente, sobre a importância e atualidade de debates relativos aos Direitos Humanos e à dignidade humana na atualidade.

O trabalho que encerra o dossiê é nomeado “Para além do conteúdo histórico escolar: as ideias dos alunos sobre a escravização africana e o racismo”. Assinam a autoria Ana Beatriz Accorsi Thomsom, professora da Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná e doutora em Educação pela UEL, e Érica Xavier, doutoranda em Educação pela UEL. O texto apresenta os resultados do projeto “As viagens de africanos escravizados e a travessia do Atlântico”, desenvolvido com alunos do Ensino Fundamental com o intuito de fomentar o debate sobre a ideia de superioridade racial, tendo por base os dados coletados sobre as experiências das populações africanas escravizadas e a perspectiva de difusão de uma Educação Histórica Humanizada.

Com esse número temático, dedicado aos desafios teóricos e metodológicos ofertados aos profissionais de Ensino de História, *Politeia* abre-se ao diálogo com novos temas e com novas formas de abordagens sobre matérias já consagradas nos currículos escolares, mas que têm merecido atenção no atual contexto, marcado pelo negacionismo científico, que afeta especialmente as pesquisas em História, e pela ascensão dos fascismos, com a consequente difusão de discursos contrários à garantia dos Direitos Humanos e à ampliação da cidadania.

Com a manutenção, na estrutura da revista, da seção de artigos livres, *Politeia* reafirma o seu interesse e compromisso em dialogar sobre os mais variados objetos de investigação histórica, concede visibilidade a fontes e metodologias empregadas na realização de pesquisas e abre-se à discussão em torno de conceitos que, no campo historiográfico como em outras áreas do conhecimento voltadas ao estudo das sociedades, traduzem as inquietudes e as demandas do mundo contemporâneo, em sua diversidade e complexidade.

No presente número, a seção de artigos tem início com o texto de Paulo Henrique Matos de Jesus, doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação em História e Conexões Atlânticas, da Universidade Federal do Maranhão (PPGHIS-UFMA). Intitulado “*Um crime monstruoso: o duplo homicídio do Café S. José, em São Luís, pelo olhar do jornal Pacotilha (1913)*”, o texto se debruça sobre as representações de um crime ocorrido em São Luís do Maranhão, no início do século XX, tomando como fontes de investigação o inquérito policial e as publicações sobre o episódio em um periódico de circulação local.

No segundo artigo, de Leandro Salman Torelli, “Os limites da democracia sob o capitalismo neoliberal: interseções entre o centro e a periferia à luz do pensamento de Wolfgang Streeck, o autor,

que é doutorando em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP) e coordenador da Pós-graduação em Teoria e Análise Econômica da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP-SP), se propõe a analisar, com base nas ideias de Wolfgang Streeck, as relações entre democracia e capitalismo no sistema neoliberal, considerando as diferenças entre o centro capitalista e o Brasil, entre 1970 e 2016.

O artigo a seguir é de autoria de Aníbal Serra, PhD em Linguística pela Universidade de Évora e Professor na Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Tufts University (CIDEHUS/TU), em Massachusetts, EUA. Tem como título “A origem das comunidades de Expressão Portuguesa nos Estados Unidos da América: a emigração europeia para a nova Inglaterra e o caso de Hudson, Massachusetts” e se orienta pelos objetivos de mapear os movimentos de migração portuguesa para o território dos Estados Unidos da América e de refletir sobre o processo de construção de uma identidade lusoamericana, ainda hoje importante na configuração da diversidade cultural estadunidense.

A produção contemporânea de artistas plásticos guineenses é o tema do artigo de Joseph Abraham Levi, doutor em Filologia e Linguística Românicas pela University of Wisconsin-Madison e investigador de Língua Portuguesa e Estudos Lusófonos, Africanos, Islâmicos e Sefarditas na George Washington University. Intitulado “A arte contemporânea guineense: quase cinco décadas de arte na Guiné-Bissau e na Diáspora. Qual é o próximo passo?”, o texto pretende examinar o conteúdo criativo-social e a mensagem política implícitos na produção de artistas residentes na Guiné-Bissau ou na Diáspora.

“Ciência e Literatura nas idealizações dos perfis femininos do sertão ao litoral: o caso exemplar de Afrânio Peixoto” é o título do artigo que vem a seguir. Escrito por Marcos Profeta Ribeiro, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP) e docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), o texto toma como fonte de investigação a produção científica e literária de Afrânio Peixoto para refletir sobre as idealizações masculinas de perfis femininos em um contexto de inserção das mulheres na vida social do Rio de Janeiro, no alvorecer do século XX.

As representações de mulheres constituem, também, o objeto do artigo “Mulheres em revistas: representações femininas da revista ilustrada *Fon-Fon!*”. Escrito por Jeferson Cruz, doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e professor da rede pública de ensino do Estado de Sergipe, o texto discute as relações entre mulher e cidade, na primeira metade do século XX, tendo com fontes fotografias de mulheres publicadas em um semanário ilustrado que circulou no Rio de Janeiro, naquele período.

O artigo intitulado “Quando o cipó se envereda por Goiás: breve análise da construção cultural e de identidade ayahuasqueira no estado” tem por foco o uso ritualístico da ayahuasca em distintos segmentos religiosos do estado de Goiás e a sua importância na construção da identidade religiosa goiana. Amparado em conceitos como identidade, cultura popular e religiosidade, o texto leva a assinatura de Pedro Seabra Acioly Tosch, professor na rede privada de ensino na cidade de Anápolis, com mestrado em andamento pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), de Maxwell

Moreira Martins, professor na Rede Municipal de Ensino de Anápolis e mestre em Ciências Sociais e Humanidades pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e Mary Anne Vieira Silva, professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e pós-Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Juíz de Fora (UFJF).

Encerra a seção de artigos o texto de Hiago Maimone da Silva Rebello, mestre e doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), intitulado “O panorama intelectual da Escola de Chartres”. Baseado, principalmente, nos escritos de João de Salisbury e de outros pensadores chartreanos, e à luz de informações sobre as condições socioculturais do Ocidente cristão no século XII, o autor tem por foco a organização institucional da Escola de Chartres, a produção intelectual de seus membros e sua importância na consolidação da escolástica.

Com a publicação do número 1 do volume 21, relativo ao primeiro semestre de 2022, *Politeia: História e Sociedade* pleiteia a continuidade do trabalho de mais de duas décadas dedicado à difusão do conhecimento histórico e de saberes correlatos votados à investigação sobre a organização das sociedades humanas. Em um tempo de luta pela valorização das publicações periódicas de perfil acadêmico-científico e pela expansão da pós-graduação em História e em outros campos das Humanidades, há ainda muito a ser feito, especialmente no sentido da difusão e reconhecimento dos trabalhos publicados nas revistas.

O aperfeiçoamento dos métodos de avaliação e divulgação, mediante a adesão a sistemas de livre acesso, impõe-se como tarefa aos editores de periódicos científicos e, assim como a conquista de melhoria nas condições de produção, está no horizonte do corpo editorial de *Politeia*. A garantia da regularidade da publicação também se apresenta como requisito essencial à consecução de um de seus principais objetivos: a difusão imediata de resultados de pesquisas científicas em condições que só as publicações periódicas, longe dos entraves e da falta de celeridade do processo de publicação de livros autorais, podem garantir. Para tanto, *Politeia* conta com a contribuição efetiva dos membros do Conselho Editorial e do Conselho Acadêmico-Científico e, ainda, com uma ampla lista de consultores *ad hoc*, que se mobilizam para, com presteza e avaliação criteriosa, garantir a qualidade dos trabalhos publicados.

A responsabilidade solidária do ProfHistória-Uesb e do Departamento de História, com o apoio e supervisão da Editora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Edições Uesb), insinua-se promissora, pois viabiliza a difusão da produção acadêmica veiculada na *Politeia* entre docentes e alunos na rede nacional do ProfHistória, como em outros programas de pós-graduação. Além disso, essa parceria possibilita a troca de informações sobre experiências com outros projetos editoriais. O apoio institucional tem sido relevante, especialmente no que se refere à orientação sobre ferramentas de gestão editorial, indexação e critérios de avaliação. São ainda muitos os desafios, sobretudo quanto ao financiamento do projeto editorial e à conseqüente valorização dos recursos humanos envolvidos nos processos técnicos e nos trabalhos de avaliação; desafios que, aliás, abrangem a maioria dos editores de periódicos de História e de áreas correlatas no Brasil.

A peleja pelo reconhecimento e valorização dos periódicos científicos como instrumentos de formação de pesquisadores não deve estar restrita às editorias das revistas, mas deve mobilizar os diversos sujeitos que dependem das revistas para fazer veicular, em um plano imediato, a sua produção acadêmico-científica. Essa luta assenta-se, no tempo presente, na expectativa de superação de um passado recente, marcado pelo negacionismo científico, pela desqualificação de professores e pesquisadores, em especial de História e das Ciências Humanas, pela supressão de linhas de financiamento e por ações governamentais votadas à instrumentalização e ao esvaziamento das funções sociais das agências de fomento.

Politeia: História e Sociedade, por meio de seu corpo editorial e de sua ampla rede de autores, avaliadores e leitores, abraça os desafios ora colocados e se engaja nas batalhas que deverão resultar no processo de reconhecimento e requalificação do seu projeto e, também, na definição de uma política de valorização das revistas acadêmicas, especialmente na área de História e nas demais áreas das Ciências Humanas.

Rita de Cássia Mendes Pereira
Editora Técnica da revista Politeia: História e Sociedade
Professora Titular Plena aposentada da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb)
Docente do quadro permanente do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória-Uesb)
Docente do Mestrado em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Uesb

Copyright (c) 2022 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)